

Palavras em máquinas musicais

Por Renan Ji¹

A apresentação de *Caio em construção* no Teatro Municipal de São José dos Campos, no dia 3 de setembro, parece ter sido um momento inédito para Deborah Finocchiaro e Fernando Sessé. Pensado para ser uma versão enxuta do espetáculo *Caio do céu*, de 2017, *Caio em construção* pode ser montado com menos recursos técnicos e financeiros, o que lhe permite ser adaptado a diferentes espaços culturais e contextos sociais. Trata-se de uma estratégia interessante da Companhia de solos & bem acompanhados de possibilitar acesso e circulação do seu trabalho cênico com a literatura de Caio Fernando Abreu, a partir de dois trabalhos em chaves distintas: uma dramaturgia musical com projeções, cenografia e sua respectiva equipe (*Caio do céu*), e um recital com apenas uma atriz e ator músicos (*Caio em construção*).

O que aconteceu de inédito nesse dia 3 de setembro foi a possibilidade de uma parceria com o iluminador Diogo Augusto de Souza, trabalhador do próprio Teatro Municipal. Em um curto intervalo de tempo, Souza, a equipe da casa e a dupla de artistas que veio de Porto Alegre para o Festival conseguiram reelaborar a dramaturgia de *Caio em construção*, adicionando algumas projeções e fragmentos de *Caio do céu*, além de elementos específicos da encenação deste dia, como a luz operada por Diogo de Souza. A iluminação de Souza conseguiu criar texturas e ambientes para as diferentes fases do recital liderado por Deborah. Não só cores variadas banhavam os corpos dos cantores-músicos, elas criavam filtros distintos para as projeções e para cada texto de Caio Fernando Abreu. O resultado dessa empreitada foi uma espécie de híbrido singular entre os dois espetáculos de

¹ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua como crítico de teatro desde 2011, participando de festivais nacionais e internacionais em São Paulo (MITSp), Wrocław (Theatre Olympics, Polônia) e Wuzhen (Wuzhen Theatre Festival, China). É membro da Questão de Crítica, revista eletrônica de críticas e estudos teatrais.

Finocchiaro e Sessé dedicados a Caio F.. A sensação para os artistas de Porto Alegre foi de uma estreia, como disse Deborah Finocchiaro em conversa após o espetáculo, pois eles nunca tinham feito *Caio em construção* nessas configurações, o que acaba por tornar também a experiência única para quem esteve no Municipal.

Poderíamos a partir desse feliz acaso enaltecer a beleza do efêmero que muitas vezes surge nas vivências e reflexões sobre o teatro. No entanto, gostaria de chamar a atenção para uma espécie de dispositivo cênico que ficou delineado na minha experiência com o espetáculo e em conversa com os artistas pós-apresentação. Se a palavra “dispositivo” parece por demais abstrata, peço licença para utilizar metáforas bem mais simples e concretas.

Penso o procedimento de Deborah Finocchiaro e Fernando Sessé como uma engrenagem musical, que coloca em cena e em melodia textos diversos de Caio Fernando Abreu, buscando reiluminar a obra de tão importante e intenso escritor brasileiro. Essa engrenagem consegue não só criar acompanhamentos musicais à declamação dos textos (feita tanto por Finocchiaro quanto Sessé), mas até mesmo vocalizando e cantando certas frases e motes de Caio F., como num divertido momento do espetáculo em que um poema do autor é cantado em ritmo de samba.

A música e o ritmo transformam o texto literário em uma partitura móvel, que abarca improvisações, modulações variadas e a junção de diferentes fragmentos. Essas experimentações podem às vezes acontecer no momento mesmo da performance, no fluxo do rio musical que se forma com a voz e a música da dupla Finocchiaro e Sessé. Em conversa com Deborah, ela mesma afirma que há momentos, durante a execução do trabalho, que ela se deixa levar pelo improvisado no canto e na declamação.

Nessa espécie de *jukebox* poética, tenho vontade de colocar a minha ficha e pedir que a Companhia de solos & bem acompanhados recite meu texto favorito de Caio F.. Aliás, não só dele, mas de vários outros nomes da literatura, porque a máquina musical da Finocchiaro e Sessé parece abarcar quaisquer versos e prosas, com naturalidade e afeto. Independentemente das possibilidades da encenação, como luz, projeções, acústica e palco, sinto que a máquina musical pode fazer sua mágica em qualquer lugar e circunstância, basta o desejo de ler e cantar.

Por fim, quero registrar que essa máquina musical presente em *Caio em construção* e em vários outros projetos da Cia. Solos & bem acompanhados me parece um inteligente estratagema artístico e sociopolítico: por um lado, é uma

forma interessante de adaptar, reler e declamar textos da literatura; por outro, surge como maneira de viabilizar um espetáculo teatral, dando-lhe mobilidade e adaptabilidade às condições locais de apresentação. Com o recital *Caio em construção*, tivemos um relance do espetáculo *Caio do céu*, e de quebra fomos premiados com as surpresas felizes que as circunstâncias e as pessoas certas puderam proporcionar ao dispositivo musical de Deborah Finocchiaro e Fernando Sessé.